

Autorização concedida ao Repositório da Universidade de Brasília (RIUnB) pelo autor, com as seguintes condições: disponível sob Licença Creative Commons 3.0, que permite copiar, distribuir e transmitir o trabalho, desde que seja citado o autor e licenciante. Não permite o uso para fins comerciais nem a adaptação desta.

Authorization granted to the Repository of the University of Brasília (RIUnB) by the author, with the following conditions: available under Creative Commons License 3.0, that allows you to copy, distribute and transmit the work, provided the author and the licensor is cited. Does not allow the use for commercial purposes nor adaptation.

Referência:

COSTA, Sérgio Ibiapina Ferreira; DINIZ, Debora. Introdução à Bioética. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 187-188, maio /jun. 1999.

Introdução à Bioética

Introduction to Bioethics

Sérgio Ibiapina Ferreira Costa*
Débora Diniz**

Há várias maneiras, e possivelmente a grande maioria delas eficaz, de ser apresentado à bioética. Uma breve análise nos principais manuais de ensino de bioética para estudantes de graduação e pós-graduação em ciências da saúde mostra-nos que há, pelos menos, três grandes abordagens: abordagem historicista, abordagem filosófica e abordagem temática. Posto que cada uma delas responde a interesses diversos, bem como partem de diferentes referências teóricas, torna-se impossível eleger uma única como a forma mais apropriada de ter um panorama da disciplina. Neste artigo, introduziremos as especificidades de cada abordagem.

É difícil avaliar qual das três abordagens é mais utilizada pelos professores de bioética em suas aulas introdutórias. Seguramente, a mais sedutora das três é a abordagem historicista, pois permite que tanto professores quanto estudantes apoiem-se em informações acumuladas anteriores à pesquisa em bioética. Com certa regularidade, os adeptos da abordagem historicista iniciam suas incursões bioéticas referindo-se às duas guerras mundiais, aos campos de concentração do estado nazista e às pesquisas dos médicos alemães dessa época, aos tratados internacionais (Helsinki e a Declaração Universal dos Direitos do Homem estão) entre os mais citados), às mudanças

sócio-culturais vividas pelos países ocidentais nos anos sessenta e setenta (emancipação feminista, movimento hippie, revolução sexual, somente para citar alguns), culminando com a elaboração e divulgação, nos Estados Unidos, do Relatório Belmont, da Comissão Nacional para a Proteção dos Seres Humanos da Pesquisa Biomédica e Comportamental, em 1978 (Pessini, Barchi-fontaine, 1998). De posse deste quadro histórico de acontecimentos recentes da história euroamericana, os simpatizantes da abordagem historicista sugerem uma análise baseada nas mudanças de valores morais decorrentes do impacto que esses fatos provocaram na vida dos seres humanos. E no intuito de demonstrar o quanto a vida em sociedade transformou-se, é comum escutar de um bioeticista-histórico a máxima "modificaram-se as formas de nascer, viver e morrer dos seres humanos", que, de tão repetida, sua autoria original perdeu-se no tempo.

Enquanto o enfoque historicista na bioética enfatiza as mudanças decorrentes de grandes eventos do passado recente da humanidade, tais como guerras, tratados ou revoluções, a abordagem filosófica adota uma narrativa muito mais longa. Os bioeticistas-filosóficos (o que não necessariamente significa que são filósofos de formação básica) são os que saem à

procura de ancestrais ilustres para a disciplina. São eles que, além de reconhecer em Aristóteles, Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche ou mesmo em John Rawls ou Jürgen Habermas a fundamentação epistemológica da bioética, em geral, também procuram identificar e adequar os limites de cada modelo teórico às demandas da bioética. Além disso, outra área importante de interesse dos bioeticistas-filosóficos vem sendo a demarcação das fronteiras da disciplina frente outros campos do conhecimento já sedimentados no corpo acadêmico ou social, como por exemplo, ante à ética médica deontológica. Por fim, em nome dessa profundidade teórica, o grande desafio dos pesquisadores/professores desta tendência é adequar o vocabulário e a abstração filosófica à rotina de palestras, conferências ou mesmo salas-de-aula sem que esse processo natural e necessário de simplificação implique em uma redução grosseira dos postulados teóricos da disciplina. Com isso, os adeptos da filosofia são provocados a se fazer entender de uma maneira tal que, em geral, apelam à abordagem temática como a melhor saída para exemplificar seus modelos abstratos de compreensão da realidade.

Esse apelo à abordagem temática não é apenas feito pelos filósofos como pedido de socor-

* Médico. Vice-presidente do Conselho Federal de Medicina. Editor da revista *Bioética* do Conselho Federal de Medicina (CFM).
**Antropóloga. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da Universidade de Brasília e consultora de Bioética do CFM.

ro. Ao contrário, a análise temática é a mais utilizada pelos iniciantes na bioética, especialmente por aqueles que ainda não dominam o conhecimento a ponto de argumentarem suas idéias em termos filosóficos ou mesmo históricos. A abordagem temática permite uma compreensão do fazer bioético por intermédio de casos e/ou situações-de-vida que, nos últimos tempos, foram consideradas como típicos dilemas da bioética. Dentre os exemplos mais citados estão as situações que envolvem: aborto, alocação de recursos, clonagem, engenharia genética, eutanásia, justiça social, projeto genoma humano e transplante e doação de órgãos. Em geral, os temáticos referem-se a situações concretas de vida como recurso argumentativo de suporte às suas idéias mo-

rais e éticas. Em nome disso, alguns casos tornaram-se já tradicionais à bioética, sendo até mesmo, conhecidos por codinomes; eis alguns exemplos: "Baby Doe", "Dr. Morte", "Caso de Tuskegee", "Nova Lei de Transplante e Doação de Órgãos", etc. Infelizmente, ao mesmo tempo em que a abordagem temática é um atrativo importante do leigo pela bioética, é também entre os temáticos que estão os chamados pseudo-bioeticistas, isto é, aqueles que não estão interessados tampouco empenhados com o objetivo primordial da bioética — a liberdade na diferença — mas antes interessados em defender e propagar suas moralidades particulares e, muitas vezes, irrefletidas.

É importante, ainda, deixar claro que a maiorias bioeticis-

tas nas suas atividades diárias de ensino e difusão da bioética não se dividem rigorosamente de acordo com o modelo aqui sugerido. Seguramente seria uma tarefa ingrata senão contraprodutiva sair a procura de rótulos estáticos para cada um dos bioeticistas brasileiros. Ao apresentar as diferentes abordagens pelas quais o estudante e/ou pesquisador pode ser introduzido à bioética, nossa intenção foi propiciar um pano-de-fundo no qual o iniciante possa transitar com certo domínio dos diferentes vocabulários. Na verdade, grande parte dos bioeticistas utilizam, indiscriminadamente, as três abordagens, havendo apenas uma certa preferência por uma delas e isso, ainda, a depender dos objetivos.

SUGESTÕES DE LEITURA

GARRAFA, Volnei et al. **O Idioma Bioética**: seus dialetos e idioletos. Brasília: Universidade de Brasília, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética, 1998. (Série Bioética n.5).

PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. Bioética: do principialismo à busca de uma perspectiva latino-americana. In: IBIAPINA, Sérgio et al. (coord.). **Iniciação à Bioética**. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998. p. 81-97.